

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DAS LICENCIATURAS INTERDISCIPLINARES
CURSO DE LICENCIATURA EM LINGUAGENS E CÓDIGOS/LÍNGUA PORTUGUESA

JESSYCA JULY BRAVERES MARQUES

LEITURA DE IMAGEM COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA:

Uma possibilidade de inserção das obras de Elenilson Araújo Rocha em sala de aula

São Bernardo – MA

2016

JESSYCA JULY BRAVERES MARQUES

LEITURA DE IMAGEM COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA:

Uma possibilidade de inserção das obras de Elenilson Araújo Rocha em sala de aula

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos/ Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Licenciada em Linguagens e Códigos com habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Janine Alessandra Perini

São Bernardo – MA

2016

Marques, Jessyca Jully Braveres

Leitura de imagem como prática pedagógica: uma possibilidade de inserção das obras de Elenilson Araújo Rocha em sala de aula / Jessyca Jully Braveres Marques. – São Bernardo, 2016.

52 f.

Orientadora: Janine Alessandra Perin

Monografia (Graduação em Linguagens e Códigos – Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Maranhão, 2016.

1. Leitura. 2. Imagem. 3. Ensino da Arte. 4. Prática Pedagógica. 5. Arte Local I. Título.

CDU 371.3:7

JESSYCA JULY BRAVERES MARQUES

LEITURA DE IMAGEM COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA:

Uma possibilidade de inserção das obras de Elenilson Araújo Rocha em sala de aula

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos/ Língua Portuguesa da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Licenciada em Linguagens e Códigos com habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Ma. Janine Alessandra Perini

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª Ma. Janine Alessandra Perini (Orientadora)
Mestra em Artes Visuais
Universidade Federal do Maranhão

Prof^º. Dr. Clodomir Cordeiro de Matos Júnior (1^a examinador)
Doutor em Sociologia
Universidade Federal do Maranhão

Prof^º. Me. Edmilson Rodrigues (2^a examinador)
Mestre em Políticas Públicas
Universidade Federal do Maranhão

À minha família
Aos meus amigos
Aos meus professores

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço a Deus pela saúde, proteção e por ter me dado forças para nunca desistir. A ele devo toda honra e glória de minha vida.

Gostaria de agradecer a minha família e principalmente aos meus pais pelo apoio, incentivo, pela confiança, credibilidade, respeito, educação, amor, enfim, por estarem sempre ao meu lado. Com eles eu aprendi a importância de sonhar, e que mais importante ainda é transformar os sonhos em realidade e por me mostrar sempre que as dificuldades existem em nossas vidas, mas não podemos deixar que elas se tornem motivo de derrota, mas sim um caminho a ser trilhado rumo ao sucesso de nossos sonhos.

Ao meu namorado Renato Damasceno que esteve sempre presente no momento da pesquisa, pela paciência, pelos favores que fez, pela cumplicidade, apoio e incentivo que me deste desde o início deste percurso.

A Elenilson Araújo Rocha, uma pessoa fundamental nesta pesquisa, pela disponibilidade, alegria, atenção e satisfação ao sempre me receber e pelo grande artista que és.

A todos os meus professores que me auxiliaram em toda essa caminhada no ensino superior e que fizeram de mim uma pessoa melhor com uma bagagem grande e madura de conhecimentos.

De forma carinhosa, agradeço a minha orientadora Janine Alessandra Perini, por seu grande apoio e por sua imensa dedicação, sabendo ser realmente uma orientadora paciente e compreensiva e por acreditar no melhor que existe em mim, através de meus escritos.

Gostaria de agradecer também as pessoas com as quais fiz amizade no decorrer do curso e contribuíram de alguma forma para a minha formação profissional e pessoal, em especial a minha grande e eterna amiga Maria da Luz Moreira da Silva.

Por fim agradeço a todos que direta ou indiretamente, compartilharam e tornaram possível a realização de mais um sonho.

[...] estamos todos refletidos de algum modo nas numerosas e distintas imagens que nos rodeiam, uma vez que elas já são parte daquilo que somos: imagens que criamos e imagens que emolduramos; imagens que compomos fisicamente, à mão e imagem que se formam espontaneamente na imaginação; imagens de rostos, árvores, prédios, nuvens, paisagens, instrumentos, água, fogo, e imagens daquelas imagens – pintadas, esculpidas, encenadas, fotografadas, impressas e filmadas. Quer descubramos nessas imagens circundantes lembranças desbotadas de uma beleza que em outros tempos foi nossa, quer elas exijam de nós uma interpretação nova e original.

(ALBERTO MANGUEL, 2001, p. 20)

RESUMO

Esta monografia aborda a leitura de imagem como prática pedagógica priorizando uma possibilidade de inserção das obras de um artista da cidade de São Bernardo – MA, em sala de aula. Assim como é essencial à leitura de textos escritos, também, se faz importante a alfabetização do olhar e a leitura de imagens visuais, tendo em vista que, vivemos rodeados de uma variedade de imagens sem saber como somos influenciados por elas. Levando em consideração a valorização da leitura das obras de um artista local, Elenilson Araújo Rocha, a pesquisa se deu de modo qualitativo, pesquisa de campo e bibliográfica. Por meio desta pesquisa, percebe-se que qualquer imagem pode ser lida e interpretada, com o auxílio da mediação do professor. Também, se observa que a leitura das obras de um artista local possibilita ao aluno conhecimentos técnicos, estéticos e culturais, valorizando e conhecendo o seu entorno, educando seu olhar e transformando-o em um olhar crítico.

Palavras-chave: Leitura. Imagem. Ensino da Arte. Prática pedagógica. Arte local.

ABSTRACT

This paper discusses the image of reading as a pedagogical practice prioritizing a possibility of inclusion of the works of an artist from São Bernardo - MA in the classroom. As is essential to the reading of written texts, too, it is important to look literacy and reading visual images, considering that we live surrounded by a variety of images without knowing how we are influenced by them. Taking into account the appreciation of reading the works of a local artist, Elenilson Araújo Rocha, the research has qualitatively, field research and literature. Through this research, it is clear that any image can be read and interpreted with the help of teacher mediation. Also, it is observed that the reading of the works of a local artist allows the student technical, aesthetic and cultural, valuing and knowing your surroundings, educating his gaze and turning it into a critical eye.

Keywords: Reading. Image. Art Education. Teaching practice. Local art.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Artista Elenilson Araújo Rocha.2015.....	23
Figura 2	- Sem título. Desenho: lápis sobre papel.....	25
Figura 3	- Sem título. Pintura: lápis colorido sobre papel.....	26
Figura 4	- James Rocha. Desenho: lápis sobre papel. Ano 2010.....	28
Figura 5	- Sem título. Pintura a tinta óleo sobre tela. Ano 2013.....	29
Figura 6	- Sem título. Desenho: carvão sobre papel.....	31
Figura 7	- Sem título. Pintura: tinta óleo sobre tela. Ano 2013.....	32
Figura 8	- Exposição IV Semana de Linguagens e Códigos. Ano 2015.....	34
Figura 9	Exposição IV Semana de Linguagens e Códigos. Ano 2015.....	34
Figura 10	Exposição IV Semana de Linguagens e Códigos. Ano 2015.....	35
Figura 11	Loja Dayse Noivas.....	35
Figura 12	Sem título. Desenho: carvão sobre papel.....	37
Figura 13	Sem título. Desenho: carvão sobre papel.....	38
Figura 14	Sem título. Pintura: Tinta óleo sobre tela. Ano 2013.....	41
Figura 15	Ícone Sagrado. Desenho: Carvão sobre papel. Ano 2013.....	42
Figura 16	As Belas Curvas de uma Mulher. Desenho: Carvão sobre papel.....	43
Figura 17	O Cordeiro Imolado. Desenho: lápis sobre o papel. Ano 2010.....	44

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice A	- Questionário do artista.....	48
Apêndice B	- Fotos da entrevista com o artista.....	49
Apêndice C	- Termo de consentimento.....	50

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	ENSINO DAS ARTES VISUAIS.....	13
2.1	Leituras de imagem na prática pedagógica.....	18
2.2	O processo de pesquisa.....	20
3	VIDA DO ARTISTA.....	22
3.1	Curiosidades sobre o artista.....	36
4	LEITURAS DE IMAGEM.....	39
4.1	Obras de Elenilson Araújo Rocha.....	40
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
	REFERÊNCIAS.....	47
	APÊNDICES.....	48

1 INTRODUÇÃO

Dentro do curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos da Universidade Federal do Maranhão, nos deparamos com a disciplina de Artes na grade curricular. Desse modo, tão grande foi nossa surpresa quando descobrimos que a Arte era um mundo rico em detalhes e história. Durante todo o percurso na vida escolar, até a conclusão do Ensino Médio, a visão que nós tínhamos da Arte, resumia-se apenas em desenhar, pintar, colar ou confeccionar algo com as mãos. Em relação às obras de arte, se fazia necessário apenas de ter o dom de desenhar para fazer uma. Para apreciá-las, bastava gostar.

Entretanto na universidade, este pensamento inicial foi se reformulando, dando lugar a concepções e técnicas avançadas e aprofundadas sobre Arte. No decorrer das aulas, o que mais fascinou foi à leitura de imagem. Não se tinha conhecimento de que se poderiam ler imagens, somente textos escritos. Com isso, o fascínio foi ficando ainda maior quando pôde perceber e entender o quanto é grande o mundo que há por trás de uma obra de Arte. Como ela foi feita, em que época, quais técnicas o artista usou, quem a fez, qual emoção que chega ao observador, entre outras tantas perguntas que podemos fazer diante uma obra de arte.

Ao final do curso, quando foi passada a tarefa de produzir um trabalho de conclusão de curso, pensou-se então em fazê-lo relacionado à arte, mais precisamente em leituras de imagem, em como trabalhar essa leitura na sala de aula. E porque não incluir um artista da cidade de São Bernardo – MA? Pensando-se desse modo na valorização da cidade e de artistas locais, a presente monografia, tem por tema: LEITURA DE IMAGEM COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: UMA POSSIBILIDADE DE INSERÇÃO DAS OBRAS DE ELENILSON ARAUJO ROCHA EM SALA DE AULA.

Dessa forma, esta pesquisa surgiu como intenção de discorrer sobre a leitura de imagem das obras de um artista da cidade de São Bernardo - MA, Elenilson Araújo Rocha, como prática pedagógica. Visto que, muito se fala sobre leitura de texto escrito e pouco sobre leitura de imagens, sendo que estas são fundamentais e presentes em nossas vidas o tempo inteiro, esta pesquisa vem mostrar a importância do ensino da arte na escola e uma possibilidade de leitura de imagens produzidas por meio de obras de arte por um artista local.

Com o objetivo de obter conhecimentos culturais e estético-visuais, assim como, valorizar a cultura de São Bernardo esta pesquisa foi criando vida. Em um primeiro momento, deu-se a escolha do artista, Elenilson Araújo Rocha, por encontrar em suas obras uma riqueza de detalhes e emoções em todas as vezes que olharmos, principalmente em suas obras sacras.

Para o desenvolvimento desta pesquisa, realizou-se uma entrevista com o artista Elenilson Araújo Rocha, sobre toda a sua vida pessoal e artística, em busca de compreensão de seu estilo artístico e de suas obras. O segundo passo foi buscar suporte teórico capaz de sustentar a pesquisa, para entender melhor como trabalhar com leituras de imagens na sala de aula. Para isso, os mais indicados para conduzir este percurso foi Ana Mae Barbosa, Alberto Manguel, Fayga Ostrower. Esta pesquisa ainda se fundamenta com as teorias de Maria Heloísa Correa de Toledo Ferraz, Maria F. de Rezende e Fusari, Donis A. Dondis, Martin W. Bauer, George Gaskell, Fernanda Rodriguez Galve e Janine Alessandra Perini. A partir do embasamento teórico destes autores, esta pesquisa de cunho científico foi se consolidando e tornando-se verdadeira. A mesma está dividida em três capítulos.

No primeiro capítulo, embasado em vários autores acima citados, evidencia-se a importância do ensino da arte na educação escolar tal como a educação do olhar ao se deparar com imagens visuais. Busca-se fazer um breve panorama do ensino da arte, focalizando na leitura de imagem. Pretende-se desenvolver a capacidade estético-visual do aluno por meio do professor mediador do conhecimento entre a obra de arte e o aluno realizando uma leitura de imagem na prática pedagógica.

O segundo capítulo focaliza-se na vida e obra do artista da terra, Elenilson Araújo Rocha, discorrendo também sobre seu estilo, o fazer artístico e seus primeiros passos na pintura. Para a realização deste foi utilizado à entrevista com o artista.

No terceiro capítulo focaliza-se na leitura de algumas das obras de Elenilson Araújo Rocha, com a finalidade de compreender e analisar a riqueza dos detalhes das obras do artista local, embasado no suporte teórico de Alberto Manguel e com o auxílio dos elementos visuais da linguagem visual do livro de Donis A. Dondis.

Assim, considerando a leitura de imagens das obras de Elenilson, como uma proposta de atividade para o ensino-aprendizagem na sala de aula, esta pesquisa ainda propõe refletir sobre a tarefa do professor como mediador do processo de conhecimento do aluno, desenvolvendo a formação do mesmo como leitor de imagens.

2 ENSINO DAS ARTES VISUAIS

Neste capítulo aborda-se algumas reflexões sobre a importância do ensino da arte na educação escolar, focalizando na leitura de imagem como prática pedagógica com o auxílio do professor, como sendo mediador do conhecimento.

A existência da arte desde o início da civilização com o surgimento dos desenhos nas cavernas dos primeiros seres humanos, que a torna um dos fatores essenciais de humanização. “[...] o fundamental, portanto, é entender que a arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo em que vivem, ao se conhecerem e ao conhecê-lo” (FERRAZ E FUSARI, 1993, P.16).

Partindo desse pressuposto, pode-se analisar que desde crianças todos nós tivemos algum convívio com manifestações culturais que o ambiente nos proporcionou, como, músicas, imagens, histórias, informações, obras de artes, entre outras formas artísticas e culturais, e com isso vamos criando gostos e prazeres pelas mesmas, portanto, pode-se perceber que, a arte já vem surgindo em nossas vidas antes mesmo da escola nos apresentar.

A arte é incluída no currículo escolar em 1971, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), mas é considerada “atividade educativa” e não disciplina, com o título de Educação Artística. O ensino da arte, como disciplina, fazendo parte da grade curricular teve início a partir de dezembro de 1996 com a LDB.

Para entender o ensino da arte no contexto escolar é necessário o conhecimento sobre as visões pedagógicas que no decorrer do tempo orientam a prática educacional: Escola Tradicional, Escola Nova e Escola Tecnicista, propostas estas que o autor Dermeval Saviani, considera como “teorias não críticas”.

Na Escola Tradicional a arte era vista como reprodução de modelos de algo que já existia. O professor mostrava uma obra de arte, por exemplo, e os alunos tinham que memorizar e reproduzir igual, pois, nesse período a educação trabalhava a favor da universalização de seus alunos, onde o professor como o centro do sistema educacional, se tornava um transmissor de conhecimentos, sendo estes apresentados como verdades absolutas e inquestionáveis pelos alunos, considerados seres passivos e submissos ao regime escolar.

Na Escola Nova, a arte por sua vez, era apenas para desenvolver a criatividade da criança, proporcionando um ensino de arte capaz de explorar a criatividade e a livre expressão do aluno com o aprender fazendo. Poderia ser vista também apenas como uma atitude auto-expressiva do aluno. Ao professor somente era cabível a parte de acompanhar essa auto-expressão e espontaneidade do aluno na forma de orientador, sem aplicar conhecimentos

profundos sobre a arte, para não atrapalhar a genuína e espontânea expressão infantil. Ainda sobre o aspecto de educação desta escola, esclarece Saviani:

A Educação enquanto fator de equalização social será, pois, um instrumento de correção da marginalidade na medida em que cumprir a função de ajustar, de adaptar os indivíduos a sociedade, inculcando neles o sentimento de aceitação dos demais e pelos demais (SAVIANI, 1999, p.20).

Portanto, observa-se que a educação servirá como instrumento de correção da ignorância, a fim de contribuir para a construção de uma sociedade igualitária, onde os indivíduos aceitam e respeitam as diferenças de cada um.

Na Escola Tecnicista a arte era vista como preparação de mão-de-obra para o mercado de trabalho através de desenvolvimento de trabalhos com técnicas, como complementa Perini:

Tinha como função primordial a adequação do sistema educacional com a proposta econômica e política do regime militar, preparando, desta forma, mão-de-obra para ser aproveitada pelo mercado de trabalho (PERINI, 2015, p.4).

Nesse período o ensino-aprendizagem foi situado em habilidades e técnicas. O ensino da arte focava no uso de materiais na produção plástica, mediante várias técnicas utilizadas. Perini (2015) ainda discorre que o importante era que o aluno tivesse contato com vários materiais acompanhado da orientação do professor.

Foi no começo dos anos 60 que os arte-educadores começaram a mudar essa realidade, tanto para o aluno quanto para o professor:

A reflexão que inaugurou uma nova tendência, cujo objetivo era precisar o fenômeno artístico como conteúdo curricular, articulou-se num duplo movimento: de um lado, a revisão crítica da livre expressão; de outro, a investigação da natureza da arte como forma de conhecimento (BRASIL, 2001, p.23).

Todavia, essa mudança de realidade concedida pelos arte-educadores, influenciados ainda pela livre expressão da Escola Nova, estava estreitamente relacionada as tendências de conhecimento, visando e questionando que a aprendizagem dos alunos estava ligada ao processo de maturidade da criança.

Consecutivamente, aborda os PCN's de artes, Brasil (2001), nos anos 70, autores que abordavam sobre a mudança do ensino da arte nos Estados Unidos, afirmaram que a aprendizagem artística do aluno não se desenvolvia de acordo com maturidade da criança, mas para que isso ocorresse de maneira eficaz, era tarefa do professor através de instruções na sala de aula, desenvolver as habilidades artísticas por meio de questões apresentadas ao aluno, visando buscar meios de transformações de ideias, sentimentos e imagens resultantes num objeto material feito com as mãos. Foi a partir daí, que no Brasil, a arte foi se transformando no meio escolar:

Tais trabalhos trouxeram dados importantes para as propostas pedagógicas, que consideram tanto os conteúdos a serem ensinados quanto os processos de aprendizagem dos alunos. As escolas brasileiras têm se manifestado a influência das tendências ocorridas ao longo da história do ensino de Arte em outras partes do mundo (BRASIL, 2001, p.24).

Os PCN's de Artes mostram que estas pesquisas influenciaram o ensino das Artes aqui no nosso país. Ana Mae Barbosa incorpora suas ideias no ensino da arte desde a década de 90, por meio da “metodologia triangular”, que consiste na articulação do fazer artístico, da leitura de imagem e do contexto histórico. No livro “A Imagem do Ensino da Arte” (2009), Ana Mae nos esclarece que:

Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. Através da leitura das obras de artes plásticas estaremos preparando a criança para a decodificação da gramática visual, da imagem fixa e, através da leitura do cinema e da televisão, a preparamos para aprender a gramática da imagem em movimento (BARBOSA, 2009, p. 34).

Podemos analisar que essa alfabetização que a autora se refere, significa preparar o aluno para decodificar imagens, pois isso é necessário devido à variedade de imagens que nos cercam em nosso cotidiano.

As imagens são formas de comunicação, assim como as histórias, elas nos informam e estão presentes não só em nossos pensamentos, entretanto nos diversos meios de comunicação que nos cercam diariamente. No mundo em que vivemos atualmente, o escrito não é o único a transmitir informações ou mensagens, as imagens refletem diversos conceitos e ideias. Quando as palavras não são suficientes, recorreremos às imagens.

Assim como ler escritos, também podemos ler imagens. Na verdade, ler é bem mais do que só descobrir ou juntar palavras para dar sentido ao texto, é também conhecer códigos que estão presentes em nosso cotidiano, como em roupas, sons, embalagens, outdoors, revistas, entre outras imagens.

Desde os primeiros anos de vida, o ser humano se depara com uma grande variedade de representações visuais, fazendo esforços para entendê-las. Antes de ler e escrever, a criança já realiza leituras, tentando desvendar que cada imagem representa um significado. É importante também que, a escola disponibilize aos alunos possibilidades de compreensão de diversas leituras, inclusive a de imagem.

Na sala de aula, Barbosa (2009), defende que deveria existir um currículo escolar que interligasse o fazer artístico do aluno com a leitura de imagem da obra e o contexto histórico da arte, onde a leitura de imagem seja feita através do olhar estético e crítico do aluno para que ele tenha oportunidade de perceber os elementos contidos na obra e fazer uma

releitura, não como uma representação fiel, mas como um suporte de interpretação, valorizando assim a livre expressão deles.

É válido ainda ressaltar que a Proposta Triangular não apresenta uma sequência metodológica, pode-se trabalhar a leitura de imagens e partir para o contexto histórico ou para a produção artística, ou vice-versa, pois, a mesma não é uma proposta estática.

“Ao assumirmos que a arte pode ser ensinada e aprendida também na escola, temos a necessidade de trabalhar a organização pedagógica das inter-relações artísticas e estéticas junto aos estudantes” (FERRAZ E FUSARI, 1993, p. 19). É na escola que os alunos vão poder vivenciar mais efetivamente e gradativamente o contexto histórico-cultural da arte, especificamente em cursos e aulas destinadas a ela. Porém, Ferraz e Fusari (1993), também afirmam que a escola não é o único lugar e o suficiente para aprender sobre arte, outras instituições e movimentos sociais e culturais como a família, centros culturais, museus e teatros, também disponibilizam grande conhecimento direto e indireto sobre a arte.

Na escola, o professor deve se aprofundar nos conhecimentos sobre a mesma para repassar ao aluno. “Na escola, os objetivos educacionais em arte a serem alcançados referem-se ao aperfeiçoamento dos saberes” (FERRAZ E FUSARI, 1993, p.20), tanto do professor, quanto dos alunos, caminhando e aprendendo um com o outro, para que assim o aproveitamento da área do conhecimento de artes tenha bons índices de entendimento e desenvolvimento.

Em suma, para desenvolver bem suas aulas, o professor que está trabalhando com a arte precisa conhecer as noções e os fazeres artísticos e estéticos dos estudantes e verificar em que medida pode auxiliar na diversificação sensível e cognitiva dos mesmos (FERRAZ E FUSARI, 1993, p.21).

Portanto, nessa concepção, o bom professor de arte, contribui para o aperfeiçoamento da aprendizagem do aluno em relação à arte, desenvolvendo atividades pedagógicas que estimulem o aluno a aprender e a desenvolver habilidades como o olhar, o sentir, o pegar, o fazer e o contextualizar.

Com isso, percebe-se que a educação em arte desenvolve o pensamento artístico e estético do aluno, além de propiciar também o desenvolvimento da sensibilidade, do olhar e das emoções do mesmo ao se relacionar com uma obra de arte. Baseado no que apresenta os Parâmetros Curriculares Nacionais de Artes, a importância do ensino da arte na sala de aula se dá também ao pensarmos como ela ajuda e influencia no ensino-aprendizagem de outras disciplinas do currículo escolar ao relacionar-se com elas:

Por exemplo, o aluno que conhece a arte pode estabelecer relações mais amplas quando estuda um determinado período histórico. Um aluno que exercita continuamente sua imaginação estará mais habilitado a construir um texto, a

desenvolver estratégias pessoais para resolver um problema matemático (BRASIL, 2001, p.19).

Os PCN's apontam que a arte estabelece relações com outras áreas de conhecimento, uma delas é o processo de alfabetização. Barbosa aborda que “A leitura social, cultural e estética do meio ambiente vai dar sentido ao mundo de leitura verbal” (BARBOSA, 2009, p. 28), ou seja, a arte vai facilitar o desenvolvimento psicomotor sem abafar o processo criador. A partir dela, a criança vai aprender a ler, visualizando a imagem da palavra.

Barbosa (2013) continua afirmando em seus livros que não há nenhuma razão que possa nos constranger sobre a ideia de que as atividades de arte em sala de aula possam fomentar crescimentos pessoais aos alunos, independente das respostas estéticas de cada um. A principal referência deve ser o progresso no domínio dos procedimentos estético-visuais do aluno. “Assim, o forte conceito central de que atualmente a arte-educação necessita pode ser definido de uma maneira tão simples como: ampliar o âmbito e a qualidade da experiência estética visual” (BARBOSA, 2013, p.71).

Com isso, Ana Mae Barbosa, discorre que a experiência estética visual já vem sendo adquirida no consciente do aluno, muito antes de entrar na escola e que a tarefa do professor é incrementá-la a partir de algo que já vem com ele. Entretanto, a autora indaga sobre essa afirmação: “Se o indivíduo tem efetivamente uma experiência estética, visual assim como outras, antes de entrar para a escola ou fora dela, então quais são os estímulos que provocam essa reação” (Idem, 2013, p.74).

Partindo desse questionamento, pode-se analisar e responder essa indagação afirmando que essas reações advêm do meio natural em que o aluno vive diariamente, ou seja, ele não precisa ter tido conhecimentos teóricos profundos para reagir e ter uma sensação ou sentimento de qualquer natureza ao admirar um fenômeno natural ou uma obra de arte, ou algo feito manualmente ou industrialmente.

A partir disso, a experiência estética visual dele vai se propagando e posteriormente na escola vai aumentando. Com isso, o professor na sala de aula pode estabelecer estratégias de ensino capaz de persuadir o aluno dos envolvimento estéticos do ambiente natural e trazer para incrementar ao ensino da arte específica.

Vale ressaltar ainda neste tópico, que ensinar a arte auxiliando outras áreas de conhecimento, outras aprendizagens; utilizar a arte para estimular a criatividade, a sensibilidade, desenvolver o olhar, o produzir, não significa isolar a escola da informação sobre a produção histórica e social da arte, os conhecimentos próprios da área. Percebe-se

então, que a arte na escola tem grande importância, principalmente pelo intuito de pretender formar conhecedores ou decodificadores da arte.

Neste contexto de conhecer e decodificar uma obra de arte, uma das práticas pedagógicas mais eficientes é a leitura de imagem.

2.1 - Leituras de Imagem na Prática Pedagógica

O ensino da arte no processo pedagógico amplia o mundo de conhecimento, de percepção e expressão do aluno e a leitura de imagem vai desenvolver a habilidade de ver, interpretar e julgar uma imagem dentro de seu contexto histórico, social, político e cultural.

Dentro da Leitura de imagem, são utilizados os conhecimentos da História da Arte, que vem ajudar os alunos a entender algo do lugar e do tempo nos quais as obras de arte são situadas. Nenhuma forma de arte existe no vácuo: parte do significado de qualquer obra depende do entendimento de seu contexto, por isso, Ana Mae Barbosa afirma que “A estética esclarece as bases teóricas para julgar a qualidade do que é visto” (BARBOSA, 2009, p. 37).

Vale ressaltar também que na Leitura de imagem, o aluno vai poder observar que nelas existem vários Elementos da Linguagem Visual: cores, linhas, pontos, formas, texturas, direção, tom, escalas, dimensões e movimento. Além destes elementos básicos existem outros que podemos notar nas obras como: equilíbrio, sobreposição, tensão, nivelamento e aguçamento, atração e agrupamento, que juntos formam o significado da obra, permitindo ainda motivar a curiosidade do aluno em observar esses elementos em qualquer arte ou em todo o ambiente em que vivem.

Ostrower (1989) em seu livro *Universos da Arte* enfatiza as relações entre os aspectos expressivos e formais das imagens. Ela conta sua experiência em ministrar um curso de arte, para operários de uma fábrica, e a sua preocupação sobre as possíveis maneiras de abordagem sobre o tema, para que seus alunos não se sentissem desmotivados:

Como colocar-me diante dos operários a discursar sobre valores espirituais, quando sabia perfeitamente que, para a maioria, a grande e exaustiva tarefa continuava a ser a sobrevivência material? Não seria descaso de minha parte ignorar ou fingir ignorar isto? Diante de problemas de tamanha urgência, a própria sensibilidade pode parecer um aspecto irrelevante da vida. Mas então como discutir arte? (OSTROWER, 1989, p.1).

Como trabalhar arte, se a preocupação ainda é de lutar pela sobrevivência. O propósito da autora nesse livro é mostrar como ela divulgou a arte na sala de aula e como promoveu a sua compreensão. Em várias partes no livro, a autora vai permitindo-nos ver que o educador de artes precisa levar em consideração o contexto social do aluno para aplicação

do ensino da mesma, como afirma Fayga, “O ideal no ensino é poder partir de conhecimentos e da vivência das pessoas” (OSTROWER, 1989, p. 1).

Partindo dos pressupostos da autora supra citada, para fazer uma leitura de imagem na sala de aula, deve partir dos conhecimentos vividos e também do conhecimento que se tem dos elementos compostos na obra, como a forma, a textura, a linha, o ponto, a expressividade, a criatividade, o estilo, o conteúdo próprio da obra e entender o que move o artista. Em suma, Ostrower baseia-se na análise da própria formação das imagens, ao se fazer a leitura.

Têm-se noção de que trabalhar com imagens na sala de aula, só foi possível a partir dos anos 90 com as novas propostas de ensino da arte e a Proposta Triangular de Ana Mae Barbosa, que procura juntar várias questões de ensino/aprendizagem ao mesmo tempo. Essa proposta vai incidir em trabalhar, como já vimos no texto acima, o ensino da arte dando ênfase ao fazer artístico, a contextualização histórica da arte e a leitura de imagem. Ana Mae coloca esta proposta no currículo do ensino da arte:

Um currículo que interligasse o fazer artístico, a história da arte e análise da obra da arte estaria se organizando de maneira que a criança, suas necessidades, seus interesses e seu desenvolvimento estariam sendo respeitados e, ao mesmo tempo, estaria sendo respeitada a matéria a ser aprendida, seus valores, sua estrutura e sua contribuição específica para a cultura (BARBOSA, 2009, p.35).

Partindo dessa proposta, o professor terá a tarefa de conduzir a leitura da imagem, por meio de sua contextualização e o aluno contribuirá com a sua interpretação a partir de seus conhecimentos prévios. Um dos caminhos utilizados para fazer a leitura é conhecer o artista inicialmente, todo o seu estilo, seus ideais, sua vida, personalidade e demais aspectos, assim esses conhecimentos podem auxiliar o aluno na compreensão da imagem.

A valorização do artista local nessa aprendizagem também é fundamental, sobre isso, Perini e Galve abordam que: “O aluno que conhece e vivencia a arte em seu próprio meio social, conhecendo seus valores estéticos e culturais, valorizará mais as suas origens, o que propiciará aumento da autoestima” (PERINI e GALVE, 2015, p.607).

Compreender que arte vivenciada através de estímulos próprios e locais, pode deixar o aluno mais fascinado pela produção e muito mais ativo no conhecimento estético-cultural, ampliando o conceito de arte dentro da sala de aula.

Assim, o ensino das Artes Visuais faz parte da construção do aluno e da sua realidade e, por isso, é importante constar a cultura de sua comunidade, de seu bairro, de sua cidade, de seu estado, de seu país, do seu continente e do mundo (GALVE e PERINI, 2015, p.2).

Apresentando a cultura e arte da cidade de São Bernardo - MA, para a proposta deste trabalho, escolhemos as obras de Elenilson Araújo Rocha, morador da cidade de São Bernardo - MA para uma leitura de suas obras, contextualizando o artista e a cidade.

Ler as obras de Elenilson possibilita o despertar do senso crítico, fazendo com que o aluno possa criar, imaginar, decodificar, julgar e conhecer para interpretar e indagar a sua realidade para assim formar sua própria opinião sobre ela e se inserir na sociedade como críticos e autônomos de ideias.

2.2 O Processo de Pesquisa

Nesta pesquisa foram utilizadas as obras de Elenilson Araújo Rocha como prática pedagógica do ensino das artes com a proposta de Leitura de imagem, pensando numa formação estética, juntamente, com a valorização da arte local e do contexto histórico da cidade.

Para a realização dessa pesquisa foi necessário fazer visitas ao artista Elenilson Araújo Rocha, com intuito de mostrar uma oportunidade de utilização de suas obras no contexto escolar.

A pesquisa para este trabalho científico teve inicialmente um envolvimento direto, que vai desde o início da história de vida do artista até o momento atual com seus quadros prontos para mostrar ao mundo. Este envolvimento direto com a realidade passada e presente do artista, os autores discorrem que, “[...] a isto nós chamamos de campo de observação sistemáticas” (BAUER, GASKELL, ALLUM, 2015, p.18), ou seja, a partir dessa posição, podem-se conseguir todos os dados necessários para a formulação e construção do corpo da pesquisa. Nesta pesquisa de cunho científico, podemos estabelecê-la como uma pesquisa qualitativa:

A pesquisa qualitativa evita números, lida com interpretações das realidades sociais, e é considerada pesquisa *soft*. O protótipo mais conhecido é provavelmente, a entrevista em profundidade (BAUER; GASKELL; ALLUM, p.23, 2015. Grifos do autor).

Pode-se observar que por meio do qualitativo desta pesquisa, cada dado será analisado profundamente a fim de ampliar o conhecimento sobre o assunto abordado. Os autores ainda afirmam que depois do levantamento, acontece a análise dos dados levantados, para fundamentar a interpretação com observações mais detalhadas. Gaskell também discorre sobre o que Robert Farr (1982) fala sobre a pesquisa qualitativa:

É essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre os fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista (GASKELL apud FARR, 2015, p.65).

E é a partir desse pressuposto qualitativo que esta pesquisa sobre o artista Elenilson, gira em torno, para mostrar discussões, pontos de vistas e dados detalhados.

A pesquisa de campo teve início no dia 28 de agosto de 2015. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas gravadas e registradas, além de um amplo registro fotográfico.

3 VIDA DO ARTISTA

Elenilson Araújo Rocha nasceu no dia 01 de janeiro de 1988, no povoado de Santo Hilário, município de Tutóia - MA. Filho de lavradores, Camilo de Sena Rocha e Francisca Pereira Araújo (in Memoriam), é um dos filhos mais velhos, tendo o mesmo oito irmãos. Por escassez de estudos na cidade onde nasceu e por intermédio de seu irmão mais velho James, Elenilson veio com toda a sua família para São Bernardo - MA, em busca de melhorias nos estudos e em suas vidas. Até o presente momento, ele reside em São Bernardo e considera-se um artista da cidade.

São Bernardo, cidade do estado do Maranhão, foi fundada em 1700, pelos jesuítas, e por Bernardo de Carvalho e Aguiar, segundo relata Vaz (2016, p. 25), na 4ª edição de seu livro sobre a cidade.

A cidade foi construída no sistema colonial, com suas ruas pouco alinhadas, e está assentado entre um morro, com bonita esplanada, e a margem direita do rio que os jesuítas (inacianos) deram o nome de rio Buriti, assim nasceu à cidade de São Bernardo (VAZ, 2016, p.37).

Considerando o surgimento da cidade, segundo esclarece Vaz (2016), a água é a maior riqueza natural que existe em São Bernardo, porém, no decorrer dos anos em virtude do desmatamento de suas margens, o Rio Buriti vem morrendo cada dia mais, sendo visto cheio somente quando chove demasiadamente. A cidade é cheia de praças, bairros, prédios públicos e particulares, com vários empreendimentos como comércios, óticas, lojas de roupas, calçados etc.

A cidade possui uma área de 1.007 km² e situa-se na mesorregião do leste maranhense e na microrregião do baixo Parnaíba maranhense, com uma população “[...] segundo o Portal ODM, censo 2010, a população era de 26.480 habitantes e a estimativa para 2012 era de 27.044 habitantes” (VAZ, 2016, p. 50), com esses dados podemos ter uma base sobre o povoamento. A cidade, em seu aspecto socioeconômico, dispõe de vários programas sociais como Bolsa Família, Proteção Social Básica à Infância e a Juventude entre outros, ofertados no Centro de Referência da Assistência Social (CRAS). Podemos destacar ainda que a cidade dispõe de um Hospital intitulado Hospital Municipal Felipe Jorge, escolas públicas e particulares, igrejas católicas e evangélicas, uma rodoviária, delegacia, postos de saúde, mercado municipal, Agências de Bancos, um campus da Universidade Federal do Maranhão etc.

No aspecto político, a cidade organiza-se nos três poderes políticos: O Executivo, o qual é exercido pelo atual Prefeito Coriolano Silva de Almeida e vice-prefeito João de Jesus

Alves Machado, com o auxílio dos secretários municipais. O Legislativo, no qual é exercido pelos vereadores da Câmara Municipal e o Judiciário com o Fórum e a Promotoria. No âmbito cultural, as festas juninas e o carnaval são grandes marcas dentro da cidade, sendo sempre comemoradas com apresentações de grupos folclóricos locais e de outras cidades. Uma grande marca dentro da cidade é o festejo do padroeiro que leva o nome da cidade, que reúne centenas de fiéis de dentro e fora da cidade em uma das maiores festas do baixo Parnaíba, comemorado no prazo de 10 dias, tendo início no dia 10 de agosto e finalizando no dia 20 do mesmo mês. Para os visitantes, temos ainda como ponto turístico, o monumento do Padre Nestor (o primeiro padre da cidade) localizado na praça da Igreja Matriz no centro da Cidade, o monumento de São Bernardo e o Balneário Cai N'água.



Figura 1. Artista Elenilson Araújo Rocha. 2015
Fotografia: Jessyca Jully Braveres Marques

Elenilson, Figura 1, teve uma infância simples, humilde e muito feliz. Sua infância foi cercada na maioria do tempo por trabalhos na roça para sustentação de sua família, porém, ainda existiam alguns momentos de lazer para jogar bola e brincar como todas as outras crianças. Seu pai não o liberava para brincar por muito tempo, porque precisava ajudar a sustentar a família em casa. Nessa época eram tempos difíceis, onde as crianças

menos favorecidas não tinham o hábito de estar na escola, com isso, Elenilson e seus irmãos entraram na escola quando já estavam com a idade um pouco avançada.

Foi aos 10 anos de idade quando entrou em um colégio pela primeira vez e começou a pintar cobrindo à pincelada, utilizando lápis comum, que Elenilson despertou o gosto pela arte da pintura. Um de seus primeiros materiais que usou, foi o querosene. Pegava uma folha de papel desenhada e cobria toda a imagem com o querosene e começava a cobrir por cima da imagem com o lápis. Porém, chegou a certo ponto que aquilo estava incomodando-o, pois ele queria avançar mais, aprender mais coisas, mas não tinha estrutura ou ajuda de alguém, nem de seus professores na escola. Na época ele só aprendia o que era arte do jeito que estava no livro, pois seus professores não tinham um conhecimento mais profundo sobre o que de fato, era realmente arte.

Mesmo com toda essa dificuldade, Elenilson começou a apaixonar-se cada vez mais por pinturas. Todos os dias, ao meio-dia, depois que chegava do serviço da roça, pegava algumas imagens de santos e admirava-as, pois, na época ele já se interessava muito por face humana, mas ainda não tinha descoberto que estas seriam futuramente à inspiração para a maioria de seus trabalhos.

Então na minha casa, tinha um quadro chamado Sagrado Coração de Jesus, todo meio dia eu pegava esse quadro, sem saber nem o que eu ia inventar, mas eu ficava olhando e para mim aquilo era tão bonito que parecia estar vivo de tanto olhar. Aí eu passava horas e horas olhando para o quadro, aí chegou um certo tempo que eu disse para minha mãe, se um dia eu tiver a sorte de pintar, eu quero pintar pessoas, mas como elas realmente são. Se não for assim, eu não quero esse dom de Deus (ROCHA, 2015).

Um de seus primeiros desenhos a lápis foi à face de uma pessoa, como era a sua vontade. A partir desse desenho todo o seu estilo e paixões por desenhar faces foi sendo observado no decorrer de suas pinturas.



Figura 2: Sem título, Desenho: lápis sobre papel
Fotografia: Jessyca Jully Braveres Marques
Fonte: Arquivo do artista

Na sua primeira obra, Figura 2, pode-se notar a inexperiência do artista em desenhar. Porém isso não impediu que ele mostrasse bem a facilidade que ele tinha de representar faces humanas. Seus traços eram imperfeitos, sem conhecimento da técnica, mas já captava a expressão do rosto retratado. Nota-se que a boca está torta, pendendo mais para um lado, dando à impressão de que o rosto estivesse um pouco inclinado.

Depois do querosene e do lápis, ele usou giz de cera e lápis de cor para pintar, como pode-se observar na Figura 3:



Figura 3: Sem título. Pintura: lápis colorido sobre papel
 Fotografia: Jessyca Jully Braveres Marques
 Fonte: Arquivo do artista

Nota-se nesta obra que o artista usou o lápis comum para fazer o contorno do desenho. Seus traços já estavam sendo mais detalhados tentando fazer com que cada parte do desenho e membro do corpo ficasse mais visível e minucioso. Assim, ele detalhou o tamanho dos músculos do herói para mostrar que ele era bem forte. Depois do desenho pronto, o artista usou a técnica do lápis colorido para pintar e marcar partes da roupa e armas de seu herói animado, herói este que foi criado pela sua imaginação.

Depois do lápis, começou a interessar-se por grafitar, porém na época, a dificuldade era muito grande em relação a materiais de qualidade que pudessem ajudá-lo a fazer um bom trabalho.

Anos depois, Elenilson, migrou de sua cidade natal para São Bernardo no Maranhão chegando em 2001. Conheceu pessoas que o ajudaram muito, mostrando coisas que ele não conhecia da arte:

Eles viam meu trabalho e viam que eu poderia melhorar mais e daí começavam a trazer material, por exemplo, de São Luís, Fortaleza e daí eu ia pegando sozinho e começava meu trabalho, que chegou até esse ponto que você já pode observar (ROCHA, 2015).

Com ajuda de amigos, Elenilson foi à Fortaleza - CE, fazer cursos de pintura em colorido e uma especialização em pinturas de paisagens. Foi reconhecido pelo seu professor Robson Albano como um artista muito bom, e o mesmo afirmou que o aluno já não precisava

mais fazer um estágio de técnicas, pois já havia aprendido no decorrer de sua vida tudo o que ele poderia ensinar naquela área.

Elenilson identifica-se desde criança em fazer releituras de obras, “[...] na releitura há transformação, interpretação, criação com base num referencial, num texto que pode estar explícito ou implícito na obra final” (BARBOSA apud Pillar, 2009, p. 29). O artista sempre quis pintar aquilo que já existia, mas colocando algo seu para diferenciar. Nunca quis pintar algo que imaginasse, quis sempre representar em suas pinturas aquilo que via e que lhe chamasse a atenção. Foi isso que ele sonhou, lutou e continua lutando em sua formação. Sobre essa forma de agir, os Parâmetros Curriculares de Arte (PCN’s) aborda que:

O artista desafia as coisas como são, para revelar como poderiam ser, segundo um certo modo de significar o mundo que lhe é próprio. O conhecimento artístico se realiza em momentos singulares, intraduzíveis do artista ou do espectador com aquela obra particular, num instante particular (BRASIL, 2001, p. 37).

Elenilson procura mostrar em suas obras exatamente o que afirma a citação acima, revelando em suas obras através da releitura, uma outra maneira de mostrar como elas poderiam ser, de acordo com seu próprio estilo e modo de ver. E sobre o seu processo de criação/releitura Elenilson discorre que:

Antes era difícil entender isso, porque eu pensava que era roubar do outro. Hoje não, depois que eu aprendi com grandes artistas que me ensinaram, eles disseram que não era assim. Se tu pintas inspirado em outro, mas tem algo teu, que sai de ti, é teu. Então o que importa não é o quadro do outro, mas o que sai de ti, porque a arte é o que sai de dentro, não é o que tu vê ali. Se uma pessoa quiser fazer uma releitura de um dos meus quadros, eu deixaria, pois eu sei que o ponto de vista dele não é igual ao meu e ninguém consegue copiar exatamente o quadro de qualquer outra pessoa como ele pintou, é impossível isso (ROCHA, 2015).

Pode-se perceber nesta fala que o artista na entrevista deixa claro que se sente tranquilo em relação a qualquer releitura de um dos seus quadros, pois sabe que o ponto de vista dele não é igual ao de quem for pintar, pois cada releitura acompanha a marca de quem fez.



Figura 4: James Rocha. Desenho: lápis sobre papel. Ano 2010
 Fotografia: Jessyca Jully Braveres Marques
 Fonte: Arquivo do artista

Além do artista se identificar desde criança em pintar pessoas, ele também gosta de pintar paisagens, mas pintar pessoas é sua fascinação, como pode-se observar na Figura 4 acima.

Se compararmos a Figura 2, com a Figura 4, podemos notar a evolução de seus traços, os mesmos já estão mais definidos quanto ao designer do rosto. Podemos notar que a boca, o nariz e os olhos já estão mais proporcionais um ao outro. Os detalhes do cabelo, barba e bigode também estão mais aperfeiçoados, assim como a feição do rosto e os demais detalhes do desenho. A pessoa representada nesse desenho é James Rocha, o irmão mais velho do artista. Essa pintura surgiu de um desejo de James de querer ser representado por seu irmão, ao ver os desenhos de Elenilson.

Na maioria de suas obras, a temática usada é seguindo a linha de pensamento da escola do Realismo. Proença (2001) esclarece que:

A pintura realista do século XIX caracteriza-se sobretudo pelo princípio de que o artista deve representar a realidade com a mesma objetividade com que um cientista estuda um fenômeno da natureza. Ao artista não cabe “melhorar” artisticamente a natureza, pois a beleza está na realidade tal qual ela é. Sua função é apenas revelar os aspectos mais característicos e expressivos da realidade (PROENÇA, 2001, p.133).

A pintura realista abrange a questão objetiva da realidade, representa seus aspectos mais característicos e expressivos. Representação fiel da realidade, detalhes minuciosos, é partindo desses pressupostos que Elenilson produz suas obras, ou seja, quanto mais real a pessoa é em suas telas, mas perfeito fica o resultado.



Figura 5: Sem Título. Pintura a tinta óleo sobre tela. Ano 2013.
Fotografia: Jessyca Jully Braveres Marques
Fonte: Arquivo do artista

Na Figura 5 e em outras obras, como também em sua entrevista, percebe-se que a inspiração do artista é algo espiritual, vem de Cristo:

Minha única inspiração vem de Cristo. Eu posso dizer assim: muitos vêm de Picasso, Michelangelo, mas o meu único forte mesmo é a fé Cristã, então o que me interessa é a Fé em Cristo, ele que tem me ajudado todo esse tempo (ROCHA, 2015).

Sua inspiração é algo que vem de dentro dele, sua fé, que o motiva a pintar e desenhar cada vez mais e melhor, fazendo com que ele sinta prazer e orgulho ao pintar uma obra.

Segundo o artista, usar a música é uma das coisas que o deixa relaxado com o pensamento livre e leve para pintar. A música tem uma influência muito grande em seu trabalho, pois quando a ouve é como se entrasse na própria história do quadro e com isso consegue viver a história do mesmo. Independente de gêneros musicais, quase todas fazem seu estilo ao ouvir quando está pintando, não há uma música específica para ele. Ouve o pagode, o rock, o internacional, entre outras, isso vai depender do momento em que está o seu estado emocional. Porém, seu estado emocional, independente de qual for, nunca o impede de pintar, pois como foi citado acima, para o artista, Cristo o ajuda como inspiração em todos os momentos.

O local onde pinta, tem grande importância para ele, pois quanto mais distante do barulho, melhor. Embora ele não tenha um ateliê próprio, isso não dificulta na hora de fazer suas obras, pois o mesmo utiliza-se de um quarto em sua casa, longe de todo barulho e perto da calmaria para que o ambiente se torne um lugar “adequado” para pintar.

Elenilson também afirma que não tem momentos para pintar, não precisa estar de um jeito só, qualquer momento é o momento certo. Vai depender de quando a inspiração chega. Quando ela vem, pode estar comendo, pode estar assistindo televisão, tem que correr para tela, para não perder o foco, não perder a ideia.

As ferramentas usadas por ele no momento em que vai fazer suas pinturas são de grande importância. Como já foi mencionado, inicialmente ele só usava o lápis e borracha, que era na época em que ele só utilizava a técnica do grafite e papel sem pauta. Depois foi especializando-se e foi querendo buscar mais conhecimentos sobre a questão de papel, de como pintar melhor ou como buscar recursos para chegar a ter quadros de qualidade, ele sempre questionou a durabilidade de suas obras. Com isso, ele já não usa mais nem o grafite e nem o papel sulfite, já dispõe de um papel mais resistente chamado Duratex e utiliza da técnica do carvão.

Hoje eu uso as mesmas ferramentas que todo pintor usa para pintar colorido, eu uso o pincel, uso o cotonete, uso um pano, tem várias ferramentas pequenas que você pode usar em um trabalho desse, mas depende muito de cada um. Eu tenho que criar minhas ferramentas para pintar, eu faço de um talo, um espuminho, já que não posso encontrar o espuminho aqui nas papelarias, mas tudo que tenho aqui é improvisado, eu crio na hora (ROCHA, 2015).

A pioneira a mostrar o carvão para Elenilson foi Cacilda Rosa, uma senhora muito conhecida na cidade de São Bernardo - MA, esposa de Amim Sabry, ex-prefeito da cidade. A

mesma já havia visto os primeiros trabalhos do artista e quis ajuda-lo trazendo a ele uma nova técnica para melhorar seus trabalhos, pois acreditava em sua carreira. Então trouxe o carvão de São Luís e o entregou. Inicialmente Elenilson ficou animado, mas logo em seguida ficou meio assustado por não saber como manusear aquela ferramenta. Muito curioso, tentou aprender sozinho:

Eu pegava e começava a riscar assim na folha como se tivesse com medo, ficava bonitinho mais se eu passasse o dedo, borrava. Aí eu pensava: como é que usa esse negocio? Na época eu era muito curioso, ai eu comecei a raspar o pó. Nesse momento eu lembrava da mãe quando ela raspava pó. Aí eu começava a raspar e começava a raspar e ficava tipo uma massa bem fininha, ai eu pegava o lápis e aplicava primeiro o pozinho lá e aplicava o lápis por cima, ai deu certo, aí que começou os primeiros passos a aprender a esfumar o rosto de uma pessoa (ROCHA, 2015).

Além da curiosidade, sua paixão pela arte, não o deixou de experimentar a técnica. Abaixo pode-se ver na Figura 6, a primeira pintura que fez com a técnica do carvão, quando ainda estava aprendendo a utilizar:



Figura 6: Sem título. Desenho: carvão sobre papel.
Fotografia: Jessyca Jully Braveres Marques
Fonte: Arquivo do artista

Nesta obra pode-se notar a dificuldade e ingenuidade no início de suas pinturas com a técnica do carvão. Pode-se perceber na obra que ainda existia dificuldade na hora da técnica de esfumar, pois somente nos cabelos é visível o esfumado.

Elenilson se especializou e usa principalmente o carvão nos dias atuais. Porém, nunca deixou também de aprender técnicas de pintar paisagens coloridas, como mostra na Figura 7 abaixo:



Figura 7: Sem título. Pintura: tinta óleo sobre tela. Ano 2013

Fotografia: Jessyca Jully Braveres Marques

Fonte: Arquivo do artista

Nesta obra observa-se que o artista coloriu cada elemento com cores padrões, a cor que cada elemento é visto em geral em todos os lugares, por exemplo, se procurar qualquer imagem de um farol, na maioria das imagens ele vai aparecer na cor tradicional vermelha e branca, como foi descrito nessa obra pelo artista. Também pode-se observar o movimento das ondas do mar, que causam a impressão para quem olha, que elas estão se movimentando. Em suas obras ele diferencia e separa bem: de um lado pinturas no carvão e do outro, paisagens.

Quando se fala de sentimentos em relação às obras de arte, o artista não tem palavras para expressar o que sente ao pintar, pois para ele são uma infinidade de coisas boas, sentimentos bons. E se torna mais feliz ainda quando consegue transmitir às pessoas aquilo que pensou no início de suas pinturas.

Quando as pessoas olham para um quadro que ele pinta, as mesmas admiram pela forma que ele consegue trazer para dentro da tela o realismo de suas imagens ali pintadas, e o que o leva mais a isso é a simplicidade. Com isso, o artista pretende atingir o público que gosta de arte, que conhece a arte e os que admiram a arte, mesmo sem conhecê-la profundamente, pois o mesmo afirma que gosta de levar para o público, a alegria, a liberdade de ver um trabalho e se colocar no lugar dele, e isso o deixa feliz.

Para dar um resultado satisfatório para seu público e a si mesmo, o artista passa horas pintando quando pode, pois, seu trabalho fora de casa suga bastante o tempo dele. A estimativa de tempo que ele passa pintando a maioria de seus quadros é de dois meses e segundo ele, o tempo não importa, o que importa é a perfeição, o resultado final:

O que importa para mim não é o querer terminar o quadro, o que importa para mim sempre é a perfeição, eu sou de um tipo de artista um pouco perfeccionista, ou é perfeito ou não é perfeito, para mim quanto mais chegar o mais próximo possível da margem da pessoa, pra mim é o que vai ficar mais perfeito. Fora isso, pra mim não é um quadro perfeito (ROCHA, 2015).

Tentando chegar à perfeição das obras, Elenilson, é reconhecido pela comunidade bernardense e pelas pessoas de outras cidades que conhecem o seu trabalho e reconhecem Elenilson como artista profissional. O governo municipal ainda não o apoia, mas mesmo assim, nada o impede de realizar trabalhos profissionais com o fruto de seu suor, a ajuda de seus amigos e a sua fé.

Elenilson ainda não dispõe de projetos de oficinas de pintura na cidade, mas ministra aula em sua própria casa para um jovem aprendiz. Ele monta um pequeno ateliê e começa a repassar aquilo que ele sabe, fazendo assim com que cresça ainda mais a vontade de pintar de seu aprendiz e quem sabe futuramente o mesmo possa se encontrar na mesma caminhada que o artista.

Um de seus planos para o futuro também é fazer uma exposição de todas as suas obras na cidade de São Bernardo para toda a comunidade. Ele já fez algumas apresentações orais em alguns momentos, mostrando o seu trabalho, dois deles ocorreu na Universidade Federal do Maranhão, Campus São Bernardo, para uma turma de alunos a convite da Professora de Artes, Janine Alessandra Perini, no curso de Licenciatura em Linguagens e Códigos, e o segundo momento aconteceu na IV Semana de Linguagens e Códigos – Tecnologias, Linguagens e Saberes Tradicionais: Ciências de Todos, nos dias 16,17 e 18 de dezembro de 2015.

Este evento reuniu obras de dois artistas bernardenses, o artista em questão, Elenilson Araújo Rocha e Maria Aparecida Cirqueira. Nas Figuras 8, 9 e 10, pode-se observar a exposição das obras dos artistas, principalmente do Elenilson.



Figura 8. Exposição IV Semana de Linguagens e Códigos. Ano 2015
Fotografia: Jessyca Jully Braveres Marques



Figura 9. Exposição IV Semana de Linguagens e Códigos. Ano 2015
Fotografia: Jessyca Jully Braveres Marques



Figura 10. Exposição IV Semana de Linguagens e Códigos. Ano 2015
Fotografia: Jessyca Jully Braveres Marques

As obras do autor estão guardadas em seu pequeno ateliê improvisado em sua casa. Mas, algumas de suas obras também estão expostas para venda em uma loja no centro da cidade.



Figura 11: Loja Dayse Noivas
Fotografia: Jessyca Jully Braveres Marques

Esta loja dispõe de roupas de noivas para aluguel, como também dispõe da venda de artigos religiosos e miudezas em geral: brinquedos, acessórios para noivas, roupas para bebês entre outras mercadorias. Em épocas festivas como, carnaval e festas juninas, a loja coloca à disposição dos clientes, artigos relacionados a cada festa.

3.1 Curiosidades sobre o artista

Na entrevista, Elenilson, nos contou algumas curiosidades sobre sua vida e sobre suas obras. Contou-nos que: Uma professora de Pernambuco que dava aulas na escola que o artista estudava aqui em São Bernardo fez a ele um desafio. Após ver seus trabalhos, ela o desafiou a fazer uma releitura de uma foto de sua filha. Inicialmente Elenilson ficou em dúvida em fazer, pois na época ainda não se sentia seguro a desenhar para alguém, mas aceitou.

O artista nunca havia visto a menina até o momento em que a professora mostrou a foto com a imagem dela. Em casa, ele percebeu que haveria uma dificuldade grande em fazer o retrato, pois a menina tinha os dentes tão pequenos que não dava para ver direito, por cima dos dentes tinha um aparelho que atrapalhava tudo, era quase impossível discernir o que era dente e o que era gengiva. Então, seu desafio era criar uma boca e uns dentes para ela, essa seria a sua marca diferencial na pintura.

Nas tentativas de pintar com o carvão, o artista afirma na entrevista que Cristo lhe abençoou com a graça de conseguir pintar a menina realmente como ela é, juntamente com sua marca, como mostra a Figura 12:



Figura 12: Sem título. Desenho: carvão sobre papel
Fotografia: Jessyca Jully Braveres Marques
Fonte: Arquivo do artista

Elenilson entregou a sua professora e ela adorou muito o desenho. Esse foi o seu primeiro trabalho vendido, na época por R\$15,00 (quinze reais).

A segunda curiosidade foi sobre um sonho do artista. Ele estava iniciando mais um trabalho, só que este estava muito difícil, ele não sabia o que queria fazer ao certo. Então depois de muitas tentativas sem êxito, antes de dormir, rezou e pediu a Deus a graça de pintar.

No meio da noite ele sonhou com uma voz que dizia que ele devia começar de um ponto a outro que era justamente do meio da testa ao ponto do queixo, e com isso ele começava a perceber o meio do trabalho, e ia conseguir terminar. No dia seguinte ao acordar, Elenilson lembrou do sonho, mas pensou que era coisa de sua cabeça ou somente um sonho como todos os outros. E ficou pensando naquilo, então resolveu seguir o que o sonho lhe disse e em menos de meia hora conseguiu pintar o desenho, como mostra a Figura 13. E dali por diante sua fé crescia mais ainda em Cristo, e afirmou que não era ele, Elenilson, quem escolhia o que pintar, para ele, Cristo é quem escolhe.



Figura 13: Sem título. Desenho: carvão sobre papel
Fotografia: Jessyca Jully Braveres Marques
Fonte: Arquivo do artista

Esta obra, realizada por meio do sonho, para o artista é uma das mais valiosas, porque teve fundamento daquilo que ele acredita sua fé em Cristo.

4 LEITURAS DE IMAGEM

Antes de analisar e ler as imagens do artista é essencial entender sobre a leitura de imagem. É importante conhecer o que é imagem, o que é leitura e o que é ler uma imagem. No dicionário o verbete imagem, discorre sobre o seguinte significado:

1. Representação gráfica, plástica ou fotográfica de pessoa ou de objeto.
2. Representação plástica da Divindade, dum santo, etc.
3. Estampa que representa assunto ou motivo religioso.
4. Reprodução invertida, da pessoa ou objeto, numa superfície refletora.
5. Representação mental dum objeto, impressão, etc.; lembrança, recordação.
6. Metáfora (FERREIRA, 2000, p.373).

A palavra imagem apresenta diferentes sentidos, leva as pessoas a pensarem em fotografias, pinturas, filmes, etc. Também a produzir uma imagem mental de algo enquanto lê ou ouve uma narrativa. Conforme Manguel (2001), as imagens, assim como as histórias, nos informam, sendo assim, elas vão passar a transmitir mensagens, e conseqüentemente vão necessitar de leituras, para isso precisa-se interpretá-las.

No que se refere ao vocábulo leitura, este apresenta a seguinte denotação:

1. Ato, arte ou hábito de ler.
2. Aquilo que se lê.
3. Tec. Operação de percorrer, em um meio físico, seqüências de marcas codificadas que representam informações registradas, e reconvertê-las à forma anterior (como imagens, sons, dados para processamento) (FERREIRA, 2000, p. 422).

Ler não significa só codificar e decodificar palavras, é preciso construir sentidos e considerar os conhecimentos prévios que o leitor possui sobre o assunto e a interação com a leitura.

Ler imagens é uma habilidade muito importante e que, muitas vezes, não é levada a sério. Ler uma imagem vai muito além de só passar os olhos por alguma obra por alguns segundos, ler uma imagem significa refletir sobre aquilo que está vendo, significa entender o que há por trás daquele simples detalhe que está ali exposto em uma obra. Cada leitura de uma obra significa uma nova interpretação, e são várias interpretações possíveis, porque somos diferentes a cada dia, e somos diferentes uns dos outros, como diz Manguel, “As imagens, assim como as palavras, são a matéria de que fomos feitos” (MANGUEL, 2001, p. 21).

O primeiro momento em que se olha uma obra, neste caso, uma pintura, pode-se ver nela o espelho de experiência de cada pessoa, ou seja, conseguimos enxergar a obra de acordo com os conhecimentos já adquiridos no decorrer de nossas vidas e o consciente logo compara com imagens que já vimos antes.

Construímos nossa narrativa por meio de ecos de outras narrativas, por meio da ilusão de auto-reflexo, por meio do conhecimento técnico e histórico, por meio da

fofoca, dos devaneios, dos preconceitos, da iluminação, dos escrúpulos, da ingenuidade, da paixão, do engenho (MANGUEL, 2001, p.28).

Pode-se compreender também que ao ler uma imagem de uma obra de arte, a mesma pode nos parecer perdido em apenas uma interpretação, mas com o tempo descobrimos que ela é feita de múltiplas interpretações, assim como alguém pode elevá-la ao ápice da beleza, também vai existir a possibilidade de elevá-la ao ápice da destruição.

Cada pessoa que observa uma obra de arte consegue fazer uma leitura. Cada qual faz sua apreciação crítica, que possibilita dar origem a outras apreciações críticas, sobre isso, afirma Manguel, “[...] algumas destas transformam-se, elas mesmas, em obras de arte, por seus próprios méritos” (MANGUEL, 2001, p.30).

Assim como existem várias interpretações de uma obra, automaticamente podem existir várias releituras da mesma obra. Uma boa releitura vai depender muito de uma boa interpretação sobre a obra. Fazer uma releitura também não significa ser exatamente igual, e sim, criar algo novo, mas que mantenha um elo com a fonte que serviu de inspiração.

Seguindo essa linha de pensamento, pode-se notar na entrevista que Elenilson faz uso de releituras de obras para criar as suas. O artista na maioria de seus trabalhos utiliza como tema a Iconografia, “A Iconografia é um tipo de pintura cristã onde se retrata figuras sacras, e é o tema em geral da maioria dos meus trabalhos” (ROCHA, 2015), como mostra as Figuras 12 e 14.

Neste trabalho optamos pelos autores Dondis (2007) e Manguel (2001) para dar o suporte teórico na leitura das obras, sabendo que existem muitos outros autores e que esta leitura poderia ser realizada de diferentes maneiras, por diferentes olhares. A escolha das obras se deu a partir da riqueza de detalhes que habitam nelas e que pode-se ver detalhadamente.

4.1 Obras de Elenilson Araújo Rocha

A primeira obra escolhida de Elenilson Araújo Rocha é uma paisagem que foi criada quando o artista estava cursando o curso de pinturas paisagistas em Fortaleza, no ano de 2013, como mostra a Figura 14:



Figura 14: Sem Título. Pintura: tinta óleo sobre tela. Ano 2013
 Fotografia: Jessyca Jully Braveres Marques
 Fonte: Arquivo da loja Dayse Noivas

Nesta obra pode-se perceber que o artista procurou mostrar a simplicidade da vida junto à natureza. Com isso, pode-se notar também a simplicidade das casas pintadas pelo artista. Todas pequenas, com duas portas em uma casa e uma porta com uma janela em outra, simples, mas que juntas com o ambiente florestal descrito atrás das mesmas, transmitem um sentimento de paz e tranquilidade a quem está vendo o quadro.

Nota-se também o lago que está à frente das casas predominando a impressão de movimento, e o reflexo das casas na água, que parece estar se mexendo ao correr das águas. Essas técnicas de movimento que o artista usa, pode enganar os olhos de quem vê, pois segundo Dondis:

A ilusão de textura ou dimensão parecem reais graças ao uso de uma intensa manifestação de detalhes, como acontece com a textura, e ao uso da perspectiva de luz e sombra intensificadas, como no caso da dimensão (DONDIS, 2007, p. 80).

Portanto, observa-se que essa obra é rica em detalhes e que a partir da textura, “[...] o elemento visual que com frequência serve de substituto para as qualidades do tato” (DONDIS, 2007, p. 70), podemos perceber com os olhos, mesmo sem pegar, a pureza e maciez das folhas do ipê-roxo pintado no quadro. O mesmo elemento trás um desequilíbrio, o ipê-roxo está mais para o lado direito e dá a sensação de que a planta cresceu torta.

A Figura 15 mostra um dos quadros que o artista fez quando estava em seu local de serviço, à Sacristia da Igreja Santuário São Bernardo, também em 2013. O artista deu o título de Ícone Sagrado. Essa obra foi uma releitura de um dos quadros de Kiko Arguello, um artista renomado cristão, da igreja Católica:



Figura 15: Ícone Sagrado. Desenho: Carvão sobre Papel. Ano 2013
Fotografia: Jessyca Jully Braveres Marques
Fonte: Arquivo da loja Dayse Noivas

Nessa obra nota-se a riqueza de detalhes no rosto de Nossa Senhora e do menino Jesus. Logo quando se bate o olho na imagem, podemos perceber que a cabeça do menino está desproporcional ao pescoço e o restante do corpo, porém, não tira o sentimento de leveza que o quadro representa. Observa-se também que o artista usou várias linhas no manto de Nossa Senhora para desenvolver a sensação de listras do pano e para mostrar que o manto é bem maior do que está explícito na obra. Dondis afirma que: “[...] a linha é o meio indispensável para tornar visível o que ainda não pode ser visto, por existir apenas na imaginação” (DONDIS, 2007, p. 56). Com isso, cabe a nossa imaginação imaginar o tamanho do manto dela.

Em relação ao olhar de Nossa Senhora e de Jesus, Elenilson afirma na entrevista que foi onde ele mais deixou presente sua marca:

Eu mudei nesse Ícone várias coisas, principalmente no olhar. O olhar eu quis botar totalmente um olhar humano, que no outro não tem, meu jeito e a forma de pintar são totalmente diferentes dos traços dele, do Kiko, pintor dos Ícones, de onde eu fiz a releitura (ROCHA, 2015).

Pode-se notar ainda na releitura de Elenilson, que são iguais as feições de Nossa Senhora com as do menino Jesus, o detalhe do nariz, a boca e o queixo são todos iguais.

A Figura 16 abaixo mostra mais uma obra do artista feita em seu local de trabalho, intitulado “As Belas curvas de uma mulher”, datada do ano de 2012.



Figura 16: As Belas Curvas de uma mulher. Desenho: Carvão sobre Papel. Ano 2012
 Fotografia: Jessyca Jully Braveres Marques
 Fonte: Arquivo da loja Dayse Noivas

Esta é uma das obras que ele fez uma releitura inspirado em uma foto de calendário. Ao olhar essa obra, pode-se perceber de imediato, que a modelo está pousando nua para alguém pintá-la. Dois dos elementos básicos das artes visuais predominantes nesse quadro são: a linha e a forma. Tendo em vista que a linha descreve a forma, Dondis afirma que “[...] na linguagem das artes visuais, a linha articula a complexidade da forma” (DONDIS, 2007, p. 57), assim, podemos perceber na obra que a linha vai desenhando a forma do corpo da mulher, fazendo curvas e aguçando a imaginação de quem olha a obra.

Ao redor da mulher o artista fez desenhos que dão a sensação de chamas de fogo. Em seguida, pode-se notar que as chamas fazem com que se tenha a impressão de movimentos nos cabelos dela. O braço em cima dos seios e o fato da modelo estar apenas com a parte de baixo coberta, causa a sensação de sensualidade.

Pode-se observar na Figura 17, realizada em 2010, mais uma obra de Elenilson, a figura sacra descrita na entrevista como iconografia.



Figura 17: O Cordeiro Imolado. Desenho: lápis sobre papel. Ano 2010
 Fotografia: Jessyca Jully Braveres Marques
 Fonte: Arquivo do artista

Esta obra chama-se “Cordeiro Imolado”, aquele que é levado em sacrifício, aquele que se entrega por amor. Esta é uma obra que o artista retratou bem a tristeza de Cristo e do cordeiro. Vale ressaltar também, que automaticamente o sentimento é despertado nas pessoas que olham.

Um ponto característico e interessante nesse quadro é que o sangue da coroa feito pelo artista cai em cima de um dos olhos, fazendo com que o mesmo sirva também como uma lágrima. É importante observar nesta obra que se destaca a textura da barba dele ao olharmos, sobre esse elemento, Dondis discorre que:

A textura é o elemento visual que em frequência serve de substituto para as qualidades de outro sentido, o tato. Na verdade, porém, podemos apreciar e reconhecer a textura tanto através do tato quanto da visão, ou ainda mediante uma combinação de ambos (DONDIS, 2007, p.70).

Considerando a citação acima, a textura pode ser reconhecida pelo olhar, bem como pelo tato, e na obra em questão, podemos perceber que ao olharmos bem para a barba de Cristo, a textura indicada à sensação de que são ásperos e ressecados os fios, mesmo sem pegar, a visão nos deixa isso bem claro.

O elemento linha também se percebe nessa obra, a mesma vai formar o cabelo de Cristo, como toda a obra, dando a sensação de definição, “[...] a linha não é vaga: é decisiva,

tem propósito e direção, vai para algum lugar, faz algo de definitivo” (DONDIS, 2007, p.56), assim, podemos analisar que a linha vai definir toda a forma do cabelo de Cristo, mostrando que ele é grande e encaracolado, tal como defini todos os aspectos da obra, como os olhos, as lágrimas, etc.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As obras do artista Elenilson Araújo Rocha foram fundamentais para esta pesquisa, que se deu de modo qualitativo, enriqueceu e valorizou a ideia de leitura de imagem como prática pedagógica, assim como obteve conseqüentemente a valorização da cultura local.

É válido ressaltar que no decorrer da pesquisa conseguimos observar que para ler imagens é fundamental que se tenha uma educação no olhar, é nesse sentido, que o professor serve de mediador entre a arte e o aluno, acompanhando-o, guiando-o e esclarecendo suas dúvidas.

A valorização da cultura local, acompanhado da Proposta Triangular que a autora Ana Mae Barbosa nos propõe em seu livro *A Imagem no Ensino da Arte*, o aluno pode aprender a arte enquanto área de conhecimento, num contexto histórico, analisando e lendo as obras e desenvolvendo o fazer artístico.

É importante também que o próprio educador esteja realmente preparado para a leitura de imagens em sala de aula, pela mediação do educador de arte, o aluno vai adquirindo conhecimentos específicos de cada traço da obra. A partir disso, cada descoberta da obra ou da vida do artista pode estimular a formação crítica do observador.

Percebe-se também que qualquer imagem pode ser lida, interpretada, porém, o observador deve estar alfabetizado visualmente para poder ler as imagens de forma significativa, para despertar e estimular sua apreciação estética e crítica, a fim de que compreenda e possa mudar a realidade, fazendo suas próprias leituras e/ou releituras.

Portanto, cabe ao educador de arte trabalhar imagens, educando o olhar do aluno, despertando a curiosidade e a atenção para a riqueza de detalhes, como se pode observar nas obras do artista Elenilson Araújo Rocha. Acreditamos que por meio da prática pedagógica a leitura das obras de Elenilson possibilitará novos conhecimentos e horizontes culturais ao aluno, como também, a formação estética-visual, juntamente da percepção crítica, formando o aluno, um transformador da realidade.

Espera-se que esta pesquisa focada em uma possibilidade de prática pedagógica priorizando a leitura de imagem das obras de Elenilson Araújo Rocha possa colaborar a futuros pesquisadores e/ou professores de Arte, como estímulo de reflexões para novas experiências na sala de aula, valorizando a cultura local e buscando dentro dela, suporte como o artista em questão, para enriquecer e inovar a prática pedagógica estando ciente de que ler uma imagem é igualmente importante como ler um escrito.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Ana Mae (org.). **Arte-Educação: leitura no subsolo**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte/ Ministério da Educação**. Secretaria da Educação Fundamental. – 3. ed. Brasília: A Secretaria, 2001.
- DONDIS, Donis A. **Sintaxe da Linguagem Visual**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3.ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino de arte**. São Paulo: Cortez, 1993.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4. ed. ver. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- GASKELL, George; BAUER, Martin W. (orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 13 .ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: Uma história de amor e ódio**. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichenberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- OSTROWER, Fayga. **Universos da Arte**. Rio de Janeiro, Campus, 1989.
- PERINI, Janine Alessandra. **O Processo Ensino e Aprendizagem das Artes Visuais**. Ensino & Multidisciplinaridade. Publicação da Pró-Reitoria da UFMA. v. 1, n. 1, janeiro/ junho de 2015. P. 61- 73.
- PERINI, Janine Alessandra; GALVE, Fernanda Rodrigues. Do barro à sala de aula. In: **Anais do 25º Congresso Internacional de Artes/ Educadores “Políticas Públicas e o Ensino da Arte: Entre a formação e a ação em a Ação em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, de 5 a 9 de novembro de 2015**. Organizado por: José Maximiano Arruda Ximenes de Lima. Fortaleza, IFCE, Departamento de Letras, 2015.
- PROENÇA, Graça. **História da Arte**. São Paulo: Ática, 2001.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 32. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.
- VAZ, Raimundo Nonato. **São Bernardo Documentário: História da Matriz de São Bernardo – Nossa Terra, Nossa Gente**. 4. ed. Sobral Gráfica e Editora Ltda, 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Questionário do artista

1. Nome:
Idade:
Natural de:
Escolaridade:
Profissão:
2. Quando despertou o gosto pela arte de pintar?
3. Existe alguém em que você se inspire ou se inspirou?
4. Qual a sua temática?
5. Qual foi a obra que mais gostou?
6. Como acontece o processo de criação?
7. Qual tipo de música você ouve para pintar?
8. Qual o seu público-alvo?
9. A comunidade o reconhece como artista?
10. Você tem ou teve projetos para ensinar sua arte?
11. Tem algum aprendiz?
12. Já lhe aconteceu pintar algo e não gostar do que viu?
13. Passa muitas horas pintando?
14. O local onde pinta é importante?
15. Já fez exposições de suas obras? Como definiria essa exposição?
16. Você poderia falar um pouco sobre todas elas enquanto conjunto?
17. Quais as ferramentas que você usa?

APÊNDICE B - Fotos da Entrevista com o Artista



APÊNDICE C - Termo de Consentimento

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre todos os procedimentos da pesquisa e, que recebi de forma clara e objetiva todas as explicações pertinente ao projeto.

Nome do pesquisado/individuo:

Assinatura: ELENILSON ARAUJO ROCHA
Elenilson Araujo Rocha

CONSENTIMENTO PARA FOTOGRAFIAS, VÍDEOS E GRAVAÇÕES.

Eu Elenilson Araujo Rocha

Permito que a pesquisadora relacionada abaixo obtenha fotografia, filmagem ou gravação de minha pessoa para fins de pesquisa científica e educacional. Eu concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicadas em aulas, congressos, palestras ou periódicos científicos. As fotografias, vídeos e gravações ficarão sob a propriedade da pesquisadora pertinentes ao estudo e, sob a guarda da mesma.

PESQUISADORA : JESSYCA JULY BRAVERES MARQUES

Nome do pesquisado/individuo:

Assinatura: ELENILSON ARAUJO RACHA
Elenilson Araujo Rocha

São Bernardo , 16 de setembro de 2015